



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Onda jovem

Em 2021, durante o confinamento da pandemia, li o livro *A terra inabitável*, de David Wallace-Wells, e fiquei estarelecido. David é jornalista e fez uma compilação das principais previsões dos cientistas sobre as mudanças climáticas. Infelizmente, essas predições se confirmaram e estão se confirmando de uma maneira dramática.

Vejam o que ocorre com São Paulo, onde carros são arrastados pela chuva e boiomas ruas transformadas em rios. No entanto, os eleitores continuam votando em negacionistas. Ante esse cenário, eu imaginei

que somente as novas gerações poderiam romper o marasmo, o déficit de consciência ambiental e empreender uma luta para salvar as nossas vidas.

Acho que tive a sorte de ser adolescente tendo como referência aquela geração brilhante, ilustrada e audaciosa da década de 1960. Confesso que me sentia humilhando, mas, ao mesmo tempo, provocado pela inteligência, o talento e a coragem de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Glauber Rocha, Clarice Lispector, Torquato Neto, entre outros.

Quando era professor, sempre exibia o documentário *O Sol – Caminhando contra o vento*, de Tetê Moraes, sobre o jornal experimental criado e editado por Reynaldo Jardim, que trabalhou como editor de cultura do **Correio**, na década de 1980. Embora *O Sol* tenha durado apenas oito me-

ses, foi marcante para todos que participaram da aventura.

Mais do que um filme sobre o jornal, o documentário é um retrato daquela geração que viveu revoluções por minuto. *O Sol* revelou ou projetou Ruy Castro, Henfil e Ziraldo, entre outros. E tinha Zuenir Ventura e Carlos Heitor Cony na condição de editores. Uma das repórteres de *O Sol* era Dedê Gadelha, então namorada de Caetano Veloso. Os dois resolveram se casar em Salvador em cerimônia reservada, mas o jornal noticiou: “Repórter de *O Sol* se casa com Caetano Veloso”.

Foi o caos, Salvador em peso compareceu à cerimônia meio hippie, houve um engarrafamento, a igreja ficou lotada. E um verso de *Alegria, alegria*, de Caetano Veloso, seria uma homenagem ao jornal da namorada: “*O Sol* nas bancas de revista/me enche de alegria e preguiça”.

O filme revela que duas canções foram trilhas sonoras daquela geração: *Para não dizer que não falei de flores*, de Geraldo Vandré, e *Alegria, alegria*, de Caetano Veloso. A de Vandré era porta-voz dos que optavam pelo engajamento político explícito; e a de Caetano expressava o sentimento anárquico de quem caminhava contra o vento, sem lenço e sem documento, aberto a múltiplas possibilidades de experiências.

Quando eu exibí o documentário, uma estudante jovem disse: “Eu tenho inveja dessa geração, eu queria ter participado daquele momento”. Pois bem, aparentemente do nada, depois do primeiro turno das eleições deste 2026 conturbado, surge um movimento dos jovens que ocupa as redes e as ruas para reivindicar novamente pela democracia e por direitos. E mistura, com muita inventividade, as trilhas

sonoras da década de 1960 com o funk, o pagode e o rock.

Vi uma análise muito interessante do sociólogo Rudá Ricci sobre a irrupção da garotada no segundo turno. Ele não se arriscaria a avaliar se isso pode se traduzir, efetivamente, em votos. Mas mudou completamente o cenário. Sem ignorar a mobilização de Janones nas redes sociais, essas manifestações nada tem a ver com a estética do PT.

É uma estética dos fandoms, fãs clubes, é do cara sarado que se apresenta enrolado em uma bandeira na condição de gostosão da Avenida Paulista. Sim, com certeza, ninguém precisa padecer de tédio. Existem muitas causas relevantes a serem defendidas. Isso é bom para a saúde mental e para a democracia brasileira. Independentemente do resultado das eleições, essa garotada está fazendo história.



Em despedida de Mayara Stephany Sousa, ontem, mãe faz apelo: “Que isso acabe”. Filha única, a 19ª vítima de feminicídio foi morta a tiros pelo ex na Candangolândia, tinha 30 anos e deixa duas crianças, de 12 e 3 anos

“Vamos ser mais unidas”

» GIOVANNA KUNZ

Sob aplausos, orações e lágrimas, familiares e amigos se despediram, ontem, de Mayara Stephany Varela de Almeida Sousa, no Cemitério Campos da Esperança, na Asa Sul. O corpo da vítima do 19º feminicídio registrado no Distrito Federal em 2026 foi sepultado em meio à comoção e à revolta de quem ainda tenta compreender a violência que interrompeu sua vida aos 30 anos.

Vestidos de branco em sua maioria, os presentes acompanharam a ce-

rimônia marcada por abraços, homenagens e lembranças. O caixão foi coberto com a bandeira do Botafogo, time do coração de Mayara.

Entre as manifestações de pesar, também havia indignação. “Um covarde”, disse um dos presentes. “Ele acabou com a vida dela”, afirmou outro. Amigos e parentes lembraram Mayara como uma mulher meiga, doce e querida por todos.

A mãe de Mayara, Josi Varela, 51, emocionou os presentes. Em discurso, ela agradeceu o apoio de familiares e amigos e recordou uma frase que a filha única costumava repetir: “Ma-

mãe, é eu por você, e você por mim”. Agora, Josi promete cuidar das duas crianças que ficaram: Miguel, 12, e Ísis, 3. “Por que ele fez isso com a minha filha? Não consigo acreditar. Nenhuma mãe deveria passar por isso, por uma violência dessa feita por um homem”, desabafou. Em seguida, afirmou que assumirá o compromisso de criar os netos com amor.

Josi também lamentou que a filha tenha se tornado mais um número nas estatísticas de feminicídio. Segundo ela, Mayara morreu porque um homem decidiu tirar sua vida. “Vamos cuidar das mu-

Giovanna Kunz CB/DA Press



Lágrimas e revolta marcam funeral de Mayara Stephany no Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul

lheres, vamos ser mais unidas. Vamos lutar para que não aconteça com outras mães”, pediu.

Em entrevista ao **Correio**, a mãe contou que encontra nos netos forças para enfrentar a perda. “Eu preciso ter força para cuidar dos dois agora. Sozinha não, com minha família e os amigos, que eu sei que vão me ajudar”, afirmou.

Ao recordar a filha, Josi descreveu uma mulher dedicada à família. “Era uma menina doce, tranquila, que amava cuidar dos filhos, sair para o trabalho, voltar, passear, levar para um parquinho”, contou. Para ela, a quantidade de pessoas presentes no velório demonstra o carinho que Mayara conquistou ao longo da vida. “Ficou todo mundo anestesiado, sem entender o porquê disso tudo”, frisou.

A mãe também cobrou medidas mais efetivas para combater a violência contra as mulheres. Na avaliação dela, instrumentos como tornozeleiras eletrônicas e medidas protetivas não têm sido suficientes para impedir os assassinatos. “Eu tenho fé que ainda vai mudar, e vou lutar para isso. Mas esse negócio de ficar só ‘vamos colocar tornozeleira, vamos fazer medida protetiva’ não está funcionando. Eles resolvem matar e matam. Tem que ter uma punição maior. Quando não se tem consciência, tem que ter punição”, defendeu.

Homenagens

Entre os presentes estava o tio de Mayara, Edgar Varela de Almeida, que levou a bandeira do Botafogo para a sobrinha. Foi por influência dele que a jovem passou a torcer pelo clube. “Ela foi criada comigo, eu vi ela nascer. Era como se fosse minha filha. Eu cuido dela desde que eu tinha uns 13 anos”, contou.

Edgar descreveu a sobrinha como uma pessoa carinhosa, educada, generosa e de fácil convivência. “Uma pessoa nota mil: carinhosa, educada, meiga, fazia amizade fácil, muito generosa e muito emotiva”, disse. Em seguida, resumiu a personalidade da jovem em duas palavras: “Coração imenso”.

Um dos momentos mais comoventes da cerimônia foi protagonizado pelo filho mais velho de Mayara. Durante a despedida, o menino carregou um balão com a mensagem: “Jesus, cuida da minha mãe por mim”.

O crime

Mayara foi baleada na cabeça e no peito por volta das 19h de quinta-feira, na QR 1A da Candangolândia, enquanto voltava do trabalho, segundo informações da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF). A jovem foi socorrida em estado gravíssimo e encaminhada ao Hospital de Base do Distrito Federal, onde a morte foi confirmada às 9h de sexta-feira.

Material cedido ao Correio



Mãe da vítima, Josi Varela relata que Mayara era perseguida pelo ex

Onde pedir ajuda

- Mulheres em situação de violência doméstica ou pessoas que conheçam vítimas podem procurar os seguintes canais de atendimento no Distrito Federal:
- » **180 — Central de Atendimento à Mulher:** recebe denúncias e orienta mulheres em situação de violência. O atendimento é gratuito, funciona 24 horas por dia e permite denúncias anônimas.
 - » **190 — Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF):** para situações de emergência. O serviço funciona 24 horas por dia, com envio de viatura quando necessário.
 - » **197 — Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF):** canal para denúncias. Também é possível entrar em contato pelo WhatsApp (61) 98626-1197, pelo e-mail denuncia197@pcdf.df.gov.br ou pelo site da PCDF.
 - » **Deam — Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher:** unidades especializadas no atendimento a mulheres em situação de violência, com funcionamento ininterrupto no DF.

» Sentimento de posse

Um jovem de 18 anos matou um adolescente de 15, a facadas, ontem, na QNO 19, em Ceilândia. O crime, segundo a Polícia Militar, motivado por uma discussão por ciúmes — sentimento de posse — foi registrado às 12h41. O adolescente foi transportado para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC), mas morreu no local. O autor do crime, segundo a PM, possui antecedentes criminais por tráfico de drogas e roubo. Após o ataque, ele fugiu do local. O caso será investigado pela PCDF. Também ontem, um homem esfaqueou a mulher, na mesma região administrativa, e foi preso em flagrante.

Editais de chamamento para o evento

MAMÁFRICA

apresenta
BRASÍLIA DIVERSA E CRIATIVA

Feira **Galpão das Artes**
e **Brasília Diversa e Criativa**

Galpão das Artes
gastronomia do cerrado,
afroempreendedorismo,
artesanato, cerâmica,
bordado e coletivos.

Brasília Diversa e Criativa
galerias, ateliês, artistas,
coletivos, escolas de arte
e iniciativas de economia
criativa.

aponte a câmera e
acesse os formulários de
inscrição



quer
participar?
inscrições
de expositores
até 20/10

@plataformabartho

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



PARCEIRO DE MÍDIA

